

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Gazeta do Alagoas Class.: 13

Data: 22/09/81

Pg.: \_\_\_\_\_



Foto de Dácio Monteiro

Terras dos Wasu diminuem na proporção em que dificuldades aumentam

## Reserva Wasu de novo invadida por brancos

A reserva dos índios Wasu, no município de Joaquim Gomes, voltou a ser invadida pelos posseiros brancos, que estão plantando cana em suas terras e ameaçando as famílias de despejo.

O local mais atingido pela ação do posseiro Amaro Batista é o Sítio Pedrinhas, onde residem mais de dez famílias todos descendentes da tribo Wasu, onde plantam feijão, mandioca, milho, banana, inhame e conservam uma casa-de-farinha, vendendo seus produtos nas feiras livres das cidades próximas. A cana plantada pelos índios serve para o consumo dos próprios índios, enquanto a área invadida pelo posseiro é vendida as usinas de açúcar.

A escritura da propriedade está em nome do velho cacique Antonio Joaquim Santana, pai do atual chefe do pequeno grupo, sr. Laurentino Rosa que, ao lado de sua esposa dona Maria Laurentino, vem lutando pela posse real das terras, já que o posseiro Amaro Batista não entrega a escritura aos seus legítimos donos.

Ontem, o casal de índios estiveram nesta capital, prestando queixas ao delegado Estevão Rego, afirmando da invasão de suas terras pelo sr. Amaro Batista e as ameaças que vêm recebendo constantemente.

### A ALDEIA

As terras pertencentes aos descendentes dos Wasu, foram doadas por D. Pedro II, como uma recompensa pela bravura dos guerreiros da tribo que foram lutar na Guerra do Paraguai.

A sra. Amara da Conceição Rosa, filha mais velha do casal Laurentino Rosa e Maria Laurentino, informou que as terras eram bem maiores, mas, há vários anos vem sendo invadida pelos brancos e hoje está resumida em duas pequenas partes, uma localizada no sítio Pedrinhas e outra no sítio Cocal, onde reside o cacique da tribo José Manuel de Souza.

O posseiro Amaro Batista já tomou conta de grande parte da terra, onde faz o desmatamento, a queimada e planta cana para fornecer as usinas mais próximas. É o verdadeiro ditador do lugar - afirmou dona Amara Laurentino Rosa.

No sítio Pedrinhas, as famílias residentes plantam os produtos necessários à sobrevivência humana, ficando o excedente para comercializar nas feiras livres, onde eles mesmos são encarregados da venda.

As crianças até os seis meses de idade, se alimentam do leite em pó, que os pais compram

nos supermercados de Joaquim Gomes e Novo Lino, ao preço de Cr\$ 300,00. É feito o mingau com um pouco de farinha de mandioca e o consumo por criança é de cerca de uma lata por semana. O dinheiro para aquisição do leite, advém do comércio da farinha de mandioca, do feijão e outras lavouras.

Dona Amara informou que são raras as oportunidades de consumo de carne-verde, pois é um produto muito caro. Para a "mistura" utilizam charque e sardinha, que segundo a índia, é salgado e mais duradouro. O feijão e a farinha complementam a alimentação diária das famílias.

No sítio Pedrinhas existe uma população de cerca de 50 crianças em idade escolar, sem que nenhuma dessas frequente a escola, por não existir uma unidade escolar naquele local.

Não existe uma concentração de habitações todas as casas localizam-se distante uma da outra. A terra é fértil banhada pelo rio Camaragibe que garante água em abundância.

O acesso ao Sítio Pedrinhas é dos mais precários, pois, ultimamente, as duas pequenas pontes de madeira foram danificadas pelos próprios índios, impedindo assim a passagem dos posseiros com seus carros.

Para dona Amara, se o governo, através da Funai, não intervir no problema de sua tribo, todos tenderão dentro de pouco tempo a perder o restinho de suas terras. A área era muito grande e os brancos vêm se apossando dia-a-dia, deixando a família descendente dos Wasu com uma pequena área, ainda ameaçada de perder.

Um outro índio, também descendente do velho cacique Antonio Joaquim Santana, afirmou que se o posseiro Amaro Batista continuar invadindo suas terras, a guerra está declarada, pois, há poucos meses, esse mesmo problema aconteceu e houve uma grande revolta e toda a área era vigiada por índios, impedindo a entrada dos capangas dos posseiros.

Segundo o velho cacique José Manuel, a terra foi demarcada há vários anos pela Funai, que afirmou ter uma extensão de quatro léguas de frente e fundo. Mas a situação nunca foi regularizada, surgindo então, a presença dos posseiros que se dizem donos das terras e começam a plantar cana, invadindo cada vez mais a área.

A situação tende a piorar - afirmou dona Amara Rosa, pois a cana está chegando nos terreiros das casas, impedindo a plantação de feijão, mandioca, banana e outras lavouras de subsistência dos índios que sem esses produtos passarão fome.